

Regressar é preciso

*In der transscendentalen Wissenschaft
ist nicht mehr darum zu thun,
vorwärts, sondern zurück zu gehn.
[Kant, Refl, AA 18: 80]*

Em seu [quase] mais recente livro [pois se encontra no prelo *Ideia de uma heurística transcendental. Ensaios de meta-epistemologia kantiana*], Leonel Ribeiro dos Santos brinda-nos com quatorze estudos e uma fina “Introdução” a eles, cujo enfeixamento torna-se *Regresso a Kant*.¹

Se regressar é voltar ao ponto de partida, mesmo que não ao absoluto, a um de que se tenha direta ou indiretamente partido, haverá mesmo, aqui, “regresso”? Caso sim, de que tipo será ele? Em todo o caso, não se podendo já mais voltar literalmente a Kant e empreender “regresso” que refluisse enfim à própria coisa, com a reconstituição do marco inicial derradeiro do que viesse ou voltasse a ser a filosofia transcendental, a volta em pauta já de saída não será propriamente um percurso em busca do *verdadeiro* espírito da filosofia crítica, contra um panorama adverso a ser combatido por ela, devidamente redescoberta [como no caso do “Zurück auf Kant” / “Zurück zu Kant”, já desde antes do refrão cunhado em 1865 por Otto Liebmann: “Assim, *tem-se*

1 Leonel Ribeiro dos Santos, *Regresso a Kant. Ética, Estética, Filosofia Política*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2012. O texto a seguir, não constituindo resenha crítica, tampouco apresentação, mas “nota” de leitura, terá em vista somente a “Introdução” da obra referida, intitulada: “*Regresso a Kant. Evolução e situação dos estudos kantianos*” [*ibid.*, p. 9-64]. A respeito dessa mesma “Introdução”, considerem-se as seguintes palavras de seu autor: “Eu próprio publiquei nesse mesmo ano [2004 [U.R.]] um longo estudo no qual tentava dar conta do alcance e teor deste novo movimento de «*Regresso a Kant*» e também aí abordava este retorno a Kant do último quarto do século XX e este renovado interesse pela filosofia prática kantiana. V. Leonel Ribeiro dos Santos, «*Regresso a Kant. Sobre a situação actual dos estudos kantianos*», *Philosophica*, 24, 2004, pp. 119-182. O essencial desse estudo vai como Introdução geral a este volume. O presente ensaio pode considerar-se como uma explicitação do que naquele sobre o tópico se expõe de forma condensada.” [Ribeiro dos Santos, *op. cit.*, p. 76, n. 21].

* Professor do Depto de Filosofia da Universidade Estadual Paulista (UNESP de Marília) e bolsista de Produtividade em Pesquisa, nível 2 do CNPq.

de voltar a Kant.^{2]}, mas um retorno ao kantismo *como que* estabelecido e consagrado³ [sem prejuízo de revisões e reinterpretações, bem ao contrário], com e pelo qual, então, seguir-se-á avante.

Tal como em *Kant und die Epigonen* [também nas duas principais tendências que de pronto glosariam o mote – já no ar – cristalizado por Liebmann [as escolas neokantianas de Baden e de Marburg]], não se desejará, com *Regresso a Kant*, permanecer em trincheiras histórico-filológicas [por necessário que seja cavá-las e nelas de quando em vez abrigar-se], senão que avançar do ponto de vista sistemático, donde, assim, tratar-se, aí [kantianamente falando ou em forma de oxímoro], de um – *regresso para diante*. “Com Kant – além de Kant!”⁴

2 Cf. Otto Liebmann, *Kant und die Epigonen*. Stuttgart: Carl Schober, 1865 [“Also [também: “So” e “Es”] muß auf Kant zurückgegangen werden.” – Pode ser que, à diferença de Liebmann, Eduard Zeller não tenha cunhado nenhuma expressão de impacto para o movimento de “retorno a Kant” – mas é fora de questão que, em 1862, na conferência com que inaugurava as aulas de sua disciplina de lógica e teoria do conhecimento na Universidade de Heidelberg [“Sobre o significado e sobre a tarefa da teoria do conhecimento”], as linhas-mestras de um tal programa já estavam suficientemente delineadas; cf. Eduard Zeller, *Ueber Bedeutung und Aufgabe der Erkenntniss-Theorie*. Ein akademischer Vortrag. Heidelberg: Buchhandlung von Karl Groos, 1862; p. 21: “[...] Kant é o início da linha de desenvolvimento na qual se encontra hoje nossa filosofia, e a realização científica com a qual ele abriu um novo caminho à filosofia é sua teoria do conhecimento. Quem quer que queira rever os fundamentos de nossa filosofia terá de em primeiro lugar retornar a esta investigação, e, no espírito de sua crítica, reinvestigar as questões que Kant colocou-se, para, enriquecido pelas experiências científicas de nosso século, evitar os erros que ele cometeu. [Der Anfang der Entwicklungsreihe [...] in der unsere heutige Philosophie liegt, ist Kant, und die wissenschaftliche Leistung, mit der Kant der Philosophie eine neue Bahn brach, ist seine Theorie des Erkennens. Auf diese Untersuchung wird Jeder, der die Grundlagen unserer Philosophie verbessern will, vor Allem zurückgehen, und die Fragen, welche sich Kant vorlegte, im Geist seiner Kritik neu untersuchen müssen, um durch die wissenschaftlichen Erfahrungen unseres Jahrhunderts bereichert, die Fehler, welche Kant machte, zu vermeiden.]” Por outro lado, a “palavra de ordem ‘Zurück zu Kant!’”, diferentemente do que considerava Alexis Philonenko [cf. Ribeiro dos Santos, *op. cit.*, p. 15, n. 9], não ocorre, assim parece, no texto dessa conferência de Zeller.

3 Aquele mesmo que, por exemplo, é reconhecível nas palavras tão compartilháveis quanto polémicas de Manfred Kühn: “Kant foi certamente o filósofo mais importante do século XVIII. Eu iria ainda mais longe e diria: Kant é o mais importante filósofo desde o século XVIII. Pode-se filosofar com ou contra Kant, mas não se pode filosofar sem ele. [Kant war mit Sicherheit der wichtigste Philosoph des 18. Jahrhunderts. Ja, ich würde sogar so weit gehen und sagen: Kant ist der wichtigste Philosoph seit dem 18. Jahrhundert. Man kann mit oder gegen Kant, aber man kann nicht ohne ihn philosophieren.] [Manfred Kühn. In: Konstantin Pollok, “Mit Kant über Kant hinaus. Tagung zum Marburger Neukantianismus im Rahmen des Universitätsjubiläums.” Disponível em: <http://www.uni-marburg.de/aktuelles/unijournal/13/Kant> Acesso em: 01.mai.2012].

4 Tal, com efeito, o título [em fórmula tantas vezes repisada [cf., aqui, n. 3] e talvez anterior a essa referência] de um escrito de Alfons Bilharz, por ocasião do primeiro centenário da morte do filósofo: *Mit Kant – über Kant hinaus. Ein Nachtrag zur Centennarfeier*. Wiesbaden: J. F. Bergmann, 1904.

Leonel Ribeiro dos Santos, embora ciente do alcance contextualmente desmesurado da tarefa que se impõe na “Introdução” de sua obra [“Retorno a Kant. Evolução e situação dos estudos kantianos”],⁵ toma-a apesar disso a peito, e, ainda que a cumprindo “de um modo elíptico”,⁶ tece um vasto e precioso inventário de quanto vem sendo produzido pela Kant-Forschung – desde o início do século XX, não sem também remeter o leitor ao [primeiro] “retorno a Kant”, àquele mesmo cuja lembrança espontânea em cada um de nós dá ao título da presente obra um ar de família que de bom grado sentimos compartilhar.

Não sendo, porém, uma coletânea de ensaios de caráter histórico-filosófico⁷ devotados ao “retorno a Kant”, ao primeiro ou a um eventualmente segundo ainda em curso, a presente obra, mesmo assim, é precedida de uma “Introdução” prevalentemente histórico-descritiva,⁸ cujo propósito arquetônico

5 Cf. Ribeiro dos Santos, *op. cit.*, p. 9-10.

6 *Ibid.*, p. 10.

7 No âmbito de um «*Retorno a Kant*» amplamente considerado, será importante recordar o imenso patrimônio legado por historiadores italianos da filosofia, como, em primeiro lugar, Mariano Campo e Giorgio Tonelli, cujo filão vem desde algum tempo sendo aprofundado por, entre outros, Riccardo Pozzo e Piero Giordanetti, e, mais recentemente, por Marco Sgarbi e Gualtiero Lorini. A fonte doutrinal mais próxima a agrupar direta ou indiretamente tais gerações de historiadores [à qual, na Espanha, também se soma, por exemplo, María Xesús Vázquez Lobeiras] pode encontrar-se em Norbert Hinske. Em artigo publicado em 2006 na revista *Studi kantiani* [cf. Norbert Hinske. “Che cosa significa e a qual fine si pratica la storia delle fonti? Alcune osservazioni di storia delle fonti sulla antinomia kantiana della libertà.” In: *Studi Kantiani*, XIX [2006], p. 113-120 [artigo originalmente escrito em italiano, revisto por F. V. Tommasi]], esse autor, a partir do debate alemão – corrente havia mais ou menos vinte anos – acerca dos métodos de leitura dos clássicos da filosofia, aponta os dois diferentes modos em torno dos quais se dava aquela disputa, a saber, as chamadas “textimmanente Interpretation” e “quellengeschichtliche Interpretation”. Propondo-se a defender o segundo desses procedimentos, Hinske, circunscrevendo a questão no âmbito da Kantforschung, afirma: «Relativamente a Kant si possono allora distinguere almeno sei tipi di dipendenza da un altro autore; e, esprimendosi forse con più precisione, è possibile classificare sei categorie molto diverse tra loro alle quali ricondurre i rapporti che vengono ricostruiti. È per questo motivo che vorrei anzitutto abbozzare una tipologia – ben inteso non una gerarchia – delle fonti di Kant.” [ibid. p. 114] As seis categorias em causa, são: “dichiarazioni di Kant stesso”; “riferimenti nella corrispondenza di Kant, nel lascito manoscritto e negli appunti dei corsi universitari”; “riferimenti in altri autori”; “docenti universitari di Kant”; “compendi delle lezioni di Kant”; “l’ambiente attorno alla filosofia di Kant”. Cf. Piero Giordanetti. *Quellengeschichte der Kritik der reinen Vernunft*. Tagung an der Katholischen Universität Mailand, 14. März 2008. In: *Kant-Studien* 99. Jahrg., S. 267.

8 Cf. Ribeiro dos Santos, *op. cit.*, p. 13: “Passo a fazer uma rápida revisão histórica das hermenêuticas do Kantismo, desde o último quartel do século XIX até à actualidade, dando particular atenção às quatro últimas décadas.» Evidente que uma tal «revisão histórica», a qual se estende pela quase totalidade dessa mesma «Introdução» [p. 13-64], não é jamais isenta de avaliações críticas, muito pelo contrário, por mais que o espaço justificadamente destinado a ela não permita longas

imediatamente será, por assim dizer, o de situar a obra em pauta no movimento *neo-neokantiano* destacado por seu autor, do qual, assim, ele próprio participa [melhor: vem participando⁹], e no qual, portanto, acomodam-se os ensaios todos que figuram em *Regresso a Kant*.

Mas, preliminarmente, vale indagar se haverá mesmo, nalguma medida, um *outro* “Zurück auf Kant” ou se o filósofo já há muito não estará onde presentemente se encontraria por conta de novo “regresso” a ele, a saber, no posto de referência obrigatória para a reflexão filosófica [e não somente filosófica], há pelo menos mais de um século.

Na verdade, Leonel Ribeiro dos Santos é quem primeiro formula tal questão: “[...] será que, para além de toda a volumosa produção de estudos interpretativos ou críticos que têm por objeto a filosofia kantiana, vimos assistindo, nos últimos decênios do século XX e neste começo de um novo século, a um efectivo «regresso a Kant», com alguma analogia relativamente ao que se verificou no último quarto do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX?”¹⁰

Observe-se a condicionante com que a pergunta é lançada: “para além de toda a volumosa produção de estudos interpretativos ou críticos que têm por objeto a filosofia kantiana”. Ou seja: “para além” do amálgama representado por uma tal “volumosa produção”, “será que [...] vimos assistindo [...] a um efectivo ‘regresso a Kant’ [...]”? Noutras palavras, a já verificada profusão de “Kantarbeiten”¹¹ faz-se acompanhar do *sentido* que lhe confira a organicidade desejável? Para além da exuberância rapsódica, reunião sistemática? O apelo espontaneamente kantiano dessa impostação preliminar terá como

e aprofundadas considerações *revisionistas* por parte de seu autor. Cf. *ibid.*, p. 52-53: “A presença de Kant no pensamento actual é omnipresente mas difusa, muitas vezes sem apoio textual explícito ou mesmo com manifesto desconhecimento textual e quase sempre com absoluta ignorância do estado das questões na hermenêutica kantiana e na respectiva literatura. Este aspecto constitui uma diferença muito clara entre certos Neokantismos actuais e o Neokantismo clássico, o qual pretendia antes de mais apreender a coerência do método transcendental e a unidade da filosofia kantiana mediante uma cuidadosa exegese textual. Os neokantismos actuais dão-nos quase sempre um Kant aos pedaços, quando não mesmo um Kant de conveniência. Não há neles o intuito de se chegar a uma interpretação global e fiel da filosofia kantiana. Inspiram-se em Kant ou em certos tópicos da sua filosofia em que descobrem especial pertinência, tiram partido de aspectos parcelares ou de certos motivos, que se revelam sugestivos para as problematizações filosóficas actuais, mas quase sempre à custa de serem arrancados ao seu contexto e intenção originais.”

9 Cf. *ibid.*, p. 547-548 [“Proveniência dos ensaios”].

10 *Ibid.*, p. 10.

11 Cf. *ibid.*, p. 9-10.

contraparte histórica o quadro referencial do neokantismo “[...] com alguma analogia relativamente ao que se verificou no último quarto do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX [...]”.

Não parecendo haver quem apontasse a existência, hoje, de um “regresso a Kant” segundo os cânones do movimento neokantiano do século XIX,¹² pura e simplesmente pelo fato representado pelos distintos contextos filosófico e científico de então e de agora, a questão será outra. Tendo presente os termos empregados por Leonel Ribeiro dos Santos – “com alguma analogia relativamente ao que se verificou no último quarto do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX” –, assim como, não por acaso, a bem conhecida definição de “analogia [*Analogie*]” mencionada por Kant nos Prolegômenos [pela qual, a saber, ela não é “uma semelhança imperfeita de duas coisas, mas uma semelhança perfeita de duas relações entre coisas completamente dessemelhantes”¹³], não se tratará de forma nenhuma de promover, sequer de considerar a hipótese de um *revival*, mas do fato que o neokantismo efetivo possa ter sido de algum modo suficientemente unívoco para permitir nele reencontrar-se o sentido formal do “retorno” que praticou, o qual, então, serviria como que de crivo para o julgamento da existência de algo similar “nos últimos decênios do século XX e neste começo de um novo século”.

Mas – terá mesmo havido o movimento neokantiano? E, ainda: haverá mesmo um novo neokantismo em marcha?

Ainda que a questão possa ser de somenos importância, indicando um detalhe, talvez, preferencialmente filológico, não me parece haver autêntico sentido em, no caso presente, falar-se, ao menos de antemão, em “regresso” ou em “retorno” a Kant, já pelo fato que o pensamento kantiano permanece há tempo bastante na qualidade de marco positivo “incontornável”,¹⁴ sendo, por vezes – mesmo ao arripio do bom senso lógico-linguístico –, mais *reconhecido* do que propriamente conhecido. Se assim, ou seja, se junto a mim está aquilo a que eu desejaria regressar, que sentido haverá em admitir-se tal movimento, o qual, então, parecerá, de saída, tecnicamente pleonástico? Para que um suposto “regresso” a Kant fosse legitimamente aplicado, não se confundindo com um simples redobro, seria preciso, antes, normatizar ou captar

12 Cf. *ibid.*, p. 18-19.

13 Immanuel Kant. Prol, AA 04: 357 [“eine unvollkommne Ähnlichkeit zweier Dinge, sondern eine vollkommene Ähnlichkeit zweier Verhältnisse zwischen ganz unähnlichen Dingen”].

14 Cf. Ribeiro dos Santos, *op. cit.*, p. 11; 13.

as condições de tal movimento, pelas quais, então, ele viesse a ter um sentido, respectivamente por determinação ou por reflexão...

A respeito do neokantismo, Leonel Ribeiro dos Santos, referindo-se a ele como um movimento que “revela uma feição polimorfa, que se exprime segundo várias tendências e que cobre dezenas de pensadores de maior ou menor vulto”, conclui, não obstante, que: “[...] apesar das diferenças de escolas e de protagonistas, é reconhecível entre os neokantianos uma certa afinidade programática, o que permite que se fale do Neokantismo como de um movimento com alguma homogeneidade.”¹⁵

Já com relação a um novo neokantismo, o autor de *Regresso a Kant* não é sempre peremptório em suas conclusões a respeito da existência de algo assim em finais do século passado e nos dias que correm: “Um novo regresso a Kant?”¹⁶ “[...] se há um Neokantismo do último quartel do século XX [...]”;¹⁷ “Se há um neo-neokantismo na actualidade [...]”;¹⁸; “Será que a actualidade filosófica se deixa de facto declinar como um novo ‘regresso a Kant?’”¹⁹ Na derradeira parte da “Introdução” de sua obra, porém, pouco depois desta última interrogação, Leonel Ribeiro dos Santos afirma: “Pode [...] dizer-se que na actualidade se processa um efectivo, embora disseminado e difuso, movimento de ‘retorno a Kant’, o qual se manifesta em múltiplas direcções e com diversos propósitos e orientações.”²⁰ “[D]isseminado e difuso”, “em múltiplas direcções e com diversos propósitos e orientações”, tal “efectivo [...] movimento de ‘retorno a Kant’”, desse modo qualificado, parecerá exigir, por contraste, a organicidade que o suposto unívoco neokantismo efetivo poderia, de alguma maneira, se não impingir-lhe, ao menos inculcar-lhe.

Em havendo, na atualidade, precisamente estabelecida, uma tendência majoritária voltada aos temas da ética, da estética, da política – não por acaso as matérias tratadas em *Regresso a Kant* –, já porventura encontrada “nos últimos decênios do século XX», ela não poderia ser, é claro, de modo nenhum razoavelmente tida por algo como o verdadeiro “regresso a Kant” [ou

15 *Ibid.*, p. 16.

16 *Ibid.*, p. 9.

17 *Ibid.*, p. 30.

18 *Ibid.*, p. 31.

19 *Ibid.*, p. 52.

20 *Ibid.*, p. 53.

o “regresso” ao *verdadeiro* Kant], por mais que nos sentíssemos convencidos com tal leitura, não nos sendo permitido enxergá-la, assim, como correção ou como eventual complemento do neokantismo originário. Com isso, o desejável sentido, a esperada organicidade de um novo neokantismo, ou, ao menos, a “afinidade pragmática” de um suposto “neo-neokantismo”, para além de suas “múltiplas direções” e de seus “diversos propósitos e orientações”, permanecem fincados no cenário para sempre inconstante – em perspectiva histórica – de nossas certezas relativas.

Por outro lado, para que um Kant unívoco ou pelo menos tendencial? Se é verdade que um profuso e multifacetado *voltar-se a Kant* incontestavelmente subverte o rigor da filosofia transcendental,²¹ uma leitura *eticizadora*²² do criticismo – por mais historicamente rigorosa, por mais sistematicamente enriquecedora, por mais contemporaneamente assentada, tal como no caso de seu antecedente oitocentista – seria tão parcial quanto o neokantismo e sua ótica *cientificizadora*.

Não obstante a pontuação de uma que outra reserva, as quais só fazem ecoar a relevância e a complexidade do tema abordado na “Introdução” em apreço, vale destacar, sobretudo, a iniciativa, para sempre meritória, da visão de conjunto, da coerente e robusta amarração das partes, nela exposta.

Como compreender, então, *Regresso a Kant*? A obra, fora ampliar inda mais a excelência há muito estabelecida da contribuição de seu autor, é, em seu exórdio, um autêntico chamamento. E, à diferença de *Kant und die Epigonen*, uma convocação *positivamente* justificada, que exhibe as razões do que proclama. Em verdade, pois, *Regresso a Kant* é um autêntico – *Regressar a Kant!*, no qual, porém [e a diferença é brutal], os erros a denunciar não remetem ao filósofo – mas a alguns que sobre ele têm discorrido.

Ganha imenso com tal leitura o estudioso kantiano de língua portuguesa, porventura em especial o brasileiro, que mais e mais aprende com Leonel Ribeiro dos Santos, cuja *peregrinatio academica* em nosso país – já desde meados dos anos 90 – tem-no levado seguidas vezes a vários estados da federação.

Não somente ler a obra de Leonel Ribeiro dos Santos – esta, a próxima, ela como um todo –, mas com ele meditar; e, assim, corresponder em grau maior à generosidade com que este pródigo formador e eminente *Kant Scholar* nos vem seguidamente brindando.

21 *Ibid.*, p. 52, n. 111.

22 Cf. Ribeiro dos Santos, “Actualidade e inactualidade da ética kantiana». In: id., *op. cit.*, p. 67-104. Cf. *ibid.*, p. 57-59.

q

Esta revista foi composta em
Berkeley Oldstyle Book,
miolo impresso em papel offset 75g/m²,
capa em cartão supremo 250g/m²,
na Conta Fios Serviços Gráficos,
em dezembro de 2012.